

A alegria como regência do chão afro-brasileiro da Acadêmicos do Salgueiro¹

Vítor Gonçalves Pimenta (LEECCC-PPGA-UFF/Brasil)²
Palavras-chave: Chão afro-brasileiro, Alegria, Acadêmicos do Salgueiro

Apresentação

Neste artigo, busco analisar a “alegria” no grande dia da vida dos/as componentes que é o dia do desfile oficial do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro, especificamente na escola Acadêmicos do Salgueiro. A “alegria” é experimentada via “corpo comunitário”, “uma vivência do corpo singular como não separado, não isolado das coisas e dos outros corpos” (GIL, 1980, p. 48), quando os múltiplos corpos se encontram para realizar a performance da agremiação. Ao investigar a “alegria” dos/as componentes, procuro mergulhar nos movimentos dos corpos afro-brasileiros que elaboram um saber estético e político (PIMENTA, 2020) ao desfilarem na avenida e investigar o saber corporal (TAVARES, 2012) das alas da comunidade, a partir da experiência cantante, dançante, brincante e das narrativas dos/as componentes, apresentados no momento da entrevista.

Essas alas da comunidade na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro destacam-se por exibir um “chão” forte, que disputam quesito a quesito com as coirmãs pelo título de campeã do carnaval carioca. Na percepção dos/as componentes, ter um “chão” forte é reunir um grupo de corpos identificados com o pavilhão da escola e com o samba de maneira geral. É viver, experimentar, ensaiar a construção da escola no seu dia a dia e, ainda, ser a escola corporalmente falando no dia do desfile.

Nos ensaios e nos desfiles, esse conjunto de alas forma a famosa comunidade da escola de samba. As alas podem ser descritas como unidades básicas ou células organizacionais das escolas de samba. Na Acadêmicos do Salgueiro, temos a ala das baianas, a ala da Velha Guarda, a ala dos compositores, os três casais de mestre-sala e porta-bandeira, a ala dos/as assistentes, a ala da bateria, a ala Maculêlê com coreografia, as alas que contam o enredo da escola e, ainda, os componentes das alegorias, a equipe do carro de som, formada por músicos e intérpretes e os diretores de harmonia.

Todos esses corpos constroem o “chão” afro-brasileiro da escola, que corresponde

¹ “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.”

² Agradeço ao Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição (LEECCC) da Universidade Federal Fluminense (UFF) pela ajuda financeira na participação na 32ª RBA. Agradeço ao professor Julio Cesar de Tavares, meu orientador, por me guiar no mundo acadêmico.

à comunidade do Salgueiro em movimento, ou seja, um grande grupo de corpos, principalmente, pretos e pardos, que se subdividem nas diversas alas e segmentos que compõem a agremiação, responsável pelo assentamento da escola e pelos movimentos de “alegria” no dia do desfile.

Nesse grande dia, a alegria emanada pelos corpos em movimento pode ser percebida como uma postura positiva da comunidade diante do desafio de colocar uma escola de samba na avenida. A alegria é uma regência, ou seja, ela é uma orientação que possibilita sujeitos e experiências. Não existe o sujeito da alegria precisamente, mas sim, o sujeito da emoção, o sujeito de um sentimento. Segundo Sodré (2017, p. 150), “a *alacridade/alegria* enquanto modo fundamental da *Arkhé* nagô não é um afeto circunstancial – portanto, nada que nasça e morra ocasionalmente – porque, como regime concreto e estável de relacionamento com o real, é uma *potência ativa*.” Como sentimento positivo diante do mundo, a alegria é um recurso para enfrentar a vida.

E é esse recurso que se apresenta como “potência ativa” no grande dia do ano na vida do/a componente, sujeito da emoção. Esse grande dia trata-se de um “grande ritual urbano contemporâneo, uma competição na qual as escolas rivalizam entre si diante de um objetivo valorizado por todas (ganhar o campeonato) e controlam a rivalidade por meio de regras comuns (os quesitos de julgamento) renovadas por consenso de ano a ano.” (CAVALCANTI, 1999, p. 74). O/a componente espera o ano inteiro para ser a escola em movimento naquela noite de carnaval.

A alegria do chão afro-brasileiro

A grande noite do desfile da escola de samba é revelada por lágrimas, sorrisos, gritos, suspiros, fortes emoções, principalmente, quando os/as componentes ouvem os gritos de guerra dos intérpretes, a explosão dos fogos de artifícios nas cores da agremiação e o barulho do público na entrada da escola. O samba de esquentar, um samba famoso da escola, inicia e aquece os corpos dos/as componentes. Nesse instante, os corpos começam a cantar e a se movimentar. A caminhada até a entrada da Rua Marquês de Sapucaí é tensa. A virada para entrar na avenida é dramática especialmente para as alegorias. Cada componente acompanha atentamente os movimentos da alegoria que se encontra a sua frente. Todos os/as componentes torcem e rezam internamente o desfile inteiro para que os carros alegóricos contornem a curva e percorram o trajeto de 700 metros de extensão da Avenida sem sobressaltos. Apesar do drama, dos percalços e

da tensão experimentados pelos/as componentes nesse ritual, o desfile é encarado com alegria e determinação. É uma entrega de corpo inteiro ao carnaval da escola.

Nessa entrega existencial, os corpos se enchem de vontade de fazer o melhor desfile de suas vidas com muita alegria. A expectativa é cantar, dançar, brincar com toda intensidade se empenhando ao máximo em nome do Salgueiro. Os corpos são tomados por uma atitude positiva na avenida. O desejo é contagiar todos os corpos presentes naquela manifestação, inclusive o público, e realizar um belo desfile e alcançar o título de campeã. O intuito de fazer um belo trabalho não é um ato solitário. Cada componente torce para si e para cada componente da escola. Essa postura positiva diante da performance na avenida é uma potência que ativa a escola coletivamente na realização do desfile.

Nesse dia especial, a *“ansiedade”*, o *“nervosismo”*, o *“medo”*, o *“friozinho na barriga”* tomam conta dos corpos. *“Com anos de Sapucaí, ainda fico nervoso, ansioso até hoje, quando anuncia ‘Atenção Sapucaí, Acadêmicos do Salgueiro’. Solta os fogos... é como se soltasse os fogos dentro de você. Quando toca a sirene, acabou, o coração acelera”*. *“É um nervoso que eu sei me controlar, porque eu sei que se eu ficar nervosa, a pressão sobe”*. *“A emoção é tanta que eu preciso controlá-la”*. *“Aquilo é uma emoção. Aquilo mexe, quando toca aquela sirene. É uma emoção olhar pra arquibancada, olhar pra tudo. Ali é um mundo, é como se você estivesse no teatro. No palco do Teatro Municipal”*. *“Só sabe quem tá ali, só sente quem tá ali”*.

Nessa mistura de sensações e emoções, os componentes e as componentes pensam, sentem, torcem para que no desfile *“dê tudo certo”*. Muitos rezam pedindo a Deus e a outras entidades que corra tudo bem. O imprevisto, como um carro quebrado, é algo que não sai da cabeça e dos corpos dos/as componentes. Os corpos se dividem entre a ansiedade de um bom desfile e a expectativa de realizar um bom desfile, cantando, dançando, brincando, contagiando toda gente. Para os/as componentes, desempenhar um bom papel na avenida é: cantar e dançar do começo ao fim; ajudar a evolução da escola, não deixando buracos entre um/a componente e outro/a – *“Vambora, vambora... olha o buraco e vamos”*; contribuir com a harmonia da escola, cantando e vibrando coletivamente com o corpo da escola e contagiando o público; apoiar o/a componente do lado dando forças para que ele/a chegue até ao fim do desfile – *“Está pesado, mas vamos até o final juntos”*, não deixar nenhum pedaço da fantasia cair; manter o equilíbrio das energias para não deixar o corpo cair no chão da avenida.

Segundo os/as componentes da escola, o dia do desfile é uma mistura de

sentimentos. Para uns, *“o sentimento é de uma bomba atômica, ou seja, a vontade é de explodir gritando o samba. É olhar o público e falar: ‘Eu estou aqui, pode me assistir e me fotografar’.*” Estar na Sapucaí é uma emoção muito grande. Alguns componentes descrevem como um momento único. *“Poucas coisas me deixam tão feliz”.* Além disso, eles/as sentem uma emoção muito grande quando percebem o povo cantar e brincar junto com a escola. Uma das piores coisas que podem acontecer na avenida é passar e ver o público desanimado sem cantar o samba-enredo.

O dia do desfile é aguardado o ano inteiro. Ele é um dia ímpar, maravilhoso, *“apoteótico”.* Segundo os/as componentes, para desfilar vale qualquer sacrifício. O sentimento de pisar na avenida é de êxtase total. Para alguns, desfilar é renascer para a vida. É o dia que o coração bate especial. O coração acelera. *“O coração bate a mil por hora”.* É o dia que você é o/a artista, quando milhares de pessoas pagam para ver os/as componentes desfilarem.

Nesse dia, é preciso ter responsabilidade, fazer bonito e dar tudo de si para que não haja erros. *“Você está ali com a fantasia, defendendo a agremiação. A escola acreditou em você pra você fazer um bom desfile”.* Na avenida, quem desfila está em um grande palco. Para alguns componentes, quem está ali é o centro das atenções. O foco do espetáculo é a escola formada por componentes e carros alegóricos. Para outros/as, o dia do desfile, é uma mistura de dever cumprido e alegria. *“É tão bom, que quando acaba dá vontade de voltar e continuar desfilando. É uma alegria contagiante, pulsa dentro do peito. Coração bate de um lado para o outro. Você fica trêmulo, nervoso, mas de alegria. É muito bom”.*

Cada desfile é único. Aqui investigo os movimentos de alegria das alas da comunidade, principalmente das alas que contam o enredo da escola, a partir dos corpos afro-brasileiros dos/as componentes. Depois da curva, ao pisar na Rua Marquês de Sapucaí, os/as componentes encontram o público do setor 1 à esquerda, conhecido por ser o setor mais popular do sambódromo. Os olhares de admiração e espanto, os gritos e os gestos de força são sentidos por todos os corpos. As formas, cores, texturas dos carros alegóricos e fantasias chocam o público. O público espera ser surpreendido com a estética de cada escola. Desfilar na Sapucaí é interagir com o público do setor 1 até o fim nos setores 12 e 13, cantando e dançando com toda a força o samba-enredo da escola. Desfilar é estar imerso na música do samba-enredo.

O desfile é música, no sentido de algumas línguas africanas (o kimeru, p. ex., falada numa região do Quênia), ou seja, “música” tem o mesmo sentido de canto e

dança. Tem uma força vital incrível, pois reúne todos os corpos da escola para celebrar sua existência e sua história. Ao cantarem e dançarem coletivamente, os corpos atualizam os saberes da escola e realimentam a sua força cosmológica. Para Sodré (2017, p. 144), “pela dança, veículo rítmico, ponte suposta de acesso às forças cósmicas, a potência humana revitaliza-se.” A dança é a possibilidade do encontro com o cosmos. A dança é o encontro com a existência do ser.

Nesse movimento sonoro e corporal de encontro consigo e com o mundo ao redor, o ritmo atravessa do começo ao fim a celebração da escola. É interessante percebermos que nas tradições afro-brasileiras, o corpo e o som (ritmo sonoro) provocaram uma identidade corporal e musical que não é usual, cujo corpo se transforma em um centro emissor de energias (TAVARES, 2012). O ritmo está presente no canto, na bateria, nas danças das alas, nos passos coreografados, enfim, em todos os movimentos da escola. E a construção e percepção do ritmo se dão por meio de um processo de escuta integral. “Há nessa escuta vigor ontológico, [...] uma espécie de filosofia social em ação, tal como aconteceu nos Estados Unidos quando o jazz transformou o modo estabelecido de sentir, dando-lhe uma nova forma.” (SODRÉ, 2017, p. 145). Assim, segundo o autor, nessa experiência de sentir de corpo inteiro, estabelece-se uma “fenomenologia do sentir” que reverbera fenômeno e pensamento simultaneamente.

Na escola de samba, pode-se refletir sobre uma filosofia social em ação, uma vez que nos terreiros/quadras as pessoas se reúnem, trocam experiências, estabelecem redes de solidariedade e fazem a festa. O samba é um modo de experimentar e sentir o mundo. O/a sambista é aquele/a que pertence ao mundo do samba (LOPES; SIMAS, 2015) e o experimenta com alegria. “A corporeidade está no centro disso tudo. No jazz e em outras formas musicais diaspóricas, origina-se da organização rítmica e gestual uma matriz corporal que se desterritorializa e que viaja, acionada pela alegria.” (SODRÉ, 2017, p. 146). Nessa perspectiva analítica, Sodré (2017, p. 83) busca desvelar “a atualidade manifestada como expansão e continuidade de um princípio que chamamos de *Arkhé*. Esta é sentida como irradiação de uma corporeidade ativa, da qual provém a potência (*axê*) com seus modos de comunhão e diferenciação.” Nos movimentos corporais da escola, percebe-se a potência do chão afro-brasileiro, que cria o desfile na sua performance, dançando, cantando, batucando, brincando, sorrindo, etc. O chão da escola de samba é um rio potente onde confluem diversos corpos em movimento (SANTOS, 2018), arrastando com energia vibrante e positiva os demais corpos presentes nesta grande manifestação corporal.

Centrado em uma corporeidade dinâmica, a prática da escola produz outro sistema de pensamento. Essa forma de pensamento “é uma provocação à reversibilidade dos tempos e à transmutação dos modos de existência.” (SODRÉ, 2017, p. 23). Essa ideia quebra a visão de nação vista como imutável e vislumbra um projeto dinâmico de existência diverso, cujo corpo é o centro da vida. Nesse processo de existir em movimento na avenida, um corpo experimenta sua presença no mundo em relação a outro corpo, e não de maneira individual. Assim, esses corpos que fazem o desfile não existem isoladamente, mas sim como parte de um chão, de uma comunidade, de uma escola, de uma cosmologia. O corpo na avenida reverbera uma composição holista, comunitária cujo corpo existe amalgamado ao cosmos, à natureza, à comunidade (LE BRETON, 2011).

Essa participação presente no seio da coletividade de uma escola de samba é identificada nas demais tradições afro-brasileiras, cuja “existência do homem marca uma submissão fiel ao grupo, ao cosmo, à natureza, o corpo não existe como elemento de individuação, uma vez que o próprio indivíduo não se distingue do grupo, sendo, no máximo, uma singularidade na harmonia diferencial do grupo.” (LE BRETON, 2011, p. 33). Segundo o autor, se nas sociedades ocidentais o corpo se vê isolado, separado dos outros corpos, do cosmos e de si mesmo, nos grupos tradicionais o corpo é vivenciado conectado com outros corpos, com a comunidade e com o cosmos.

No desfile do chão afro-brasileiro do Salgueiro, sente-se a força da performance coletiva dos corpos em movimento. Quando os corpos cantam e dançam coletivamente, eles não se veem e não agem isoladamente dos demais. Um corpo quando se movimenta na avenida não se limita pelos contornos do seu corpo. “Sua pele, e a espessura da sua carne, não delineiam as fronteiras de sua individualidade. O que entendemos por pessoa é concebido nas sociedades africanas sob uma forma complexa, plural.” (LE BRETON, 2011, p. 36). Nessas sociedades de estrutura holista, o homem não é um corpo indivisível e distinto, mas ele configura-se como uma teia de relações, que se encontra ligado profundamente em uma comunidade.

“Estar-no-mundo” (TAVARES, 2012) para esses corpos afro-brasileiros é ter uma existência corporal que tem a consciência que a dimensão cotidiana e a dimensão cósmica estão interconectadas. Desfilar em uma escola de samba é movimenta-se na conexão do microcosmo do corpo com o macrocosmo do universo. Nesse sentido, a construção do “corpo comunitário” da escola de samba é um movimento voltado ao conhecimento corporal, que atinge seu ápice no dia do desfile oficial no sambódromo.

Prospectiva

Apesar das tensões em um desfile oficial de escola de samba do grupo especial do Rio de Janeiro, a energia coletiva positiva que atravessa cada corpo presente no sambódromo é perceptível. O canto, a dança e o batuque do samba-enredo afirmam um sentimento de encantamento com a escola. Nessa experiência corporal de completude e gozo, a alegria afro-brasileira é potente, fazendo-a acontecer de maneira exuberante.

Essa relação harmônica dos afetos não se configura como emoções ou sensações específicas, “mas de uma *regência*, ou uma subordinação de sentimentos a uma maneira, resultante de um dinamismo (garantido pelo axé) em que a linguagem é indissociavelmente semântica, afetiva e cósmica” (SODRÉ, 2017, p. 153). Para o autor, a alegria é um “*acmé* (em grego, ponta de um sistema ou ponto culminante de um processo) da afetividade litúrgico-comunitária, um regime autoengendrado, à maneira da própria vida que, irreduzível a qualquer exterioridade, se autoexplica e se expande” (SODRÉ, 2017, p. 154). É um princípio filosófico ético que se percebe tanto nos terreiros quanto nas escolas de samba.

Na experiência de fazer o chão da escola, no ritual do desfile, a afetividade comunitária se expressa e se expande, revelando na avenida uma história de alegria, construída a cada carnaval. A missão de cada componente é “*mostrar essa coisa maravilhosa que é um desfile, que é uma ala, que é um mestre-sala, porta-bandeira, que é a bateria, que [...] mexe com a gente lá dentro. [...] É um mistério da alegria.*” É o instante em que a comunidade expressa corporalmente o que ela é e tudo o que sente por ser a escola em movimento no dia do desfile.

Com a “regência da alegria”, o desfile se apresenta como uma congregação de corpos em movimento, que reverbera a integração dos/as componentes e a escola, formando o chão da escola. Desfilar é sentir o corpo pulsar em harmonia com sua própria existência, conectado com a vibração positiva dos demais corpos, ecoando intensamente o samba-enredo por todos os poros.

Como se percebe, o desfile do chão afro-brasileiro do Salgueiro é experimentado de corpo inteiro, unindo as dimensões cotidiana e cósmica da vida. O desfile está ligado ao fazer a escola dentro de uma cosmologia que reverencia o “corpo comunitário” e os ancestrais. Esse momento singular é considerado o mais importante do ano para a maioria dos/as componentes, uma vez que esse instante sublime reverbera a “alegria”

como forma de gerência da existência da comunidade.

Bibliografia

CAVALCANTI, Maria Laura. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GIL, José. *As metamorfoses do corpo*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

PIMENTA, Vítor. Reverberações do chão afro-brasileiro em movimento na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro. In: Júlio Cesar de Tavares. (Org.). *Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas*. 1ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 63-89.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 12, p. 44-51, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

TAVARES, Julio Cesar de. *Dança de guerra – arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.